

A HORA DA VERDADE!

Dr. Ignácio Ferreira, médico psiquiatra, Diretor do Sanatório Espírita de Uberaba por mais de cinqüenta anos, continua, no Mundo Espiritual, a dar sua colaboração no campo de trabalho em que se notabilizou enquanto encarnado, conforme referências na obra “Tormentos da Obsessão” e “Entre dois Mundos”, de Manoel Philomeno de Miranda, psicografadas por Divaldo Franco, editadas nos anos de 2001 e 2005, respectivamente .

No ano de 2001, vieram a lume dois livros psicografados por Carlos A. Baccelli, tendo como autor espiritual o Dr. Inácio Ferreira: “Sob as Cinzas do Tempo” e “Do Outro Lado do Espelho”; em 2002, foi publicado “Na Próxima Dimensão”; em 2003, “Infinitas Moradas”; em 2004, A Escada de Jacó”; em 2005, “Fala, Dr. Inácio!”

Como constatamos fortes discrepâncias entre o perfil do Dr. Ignácio apresentado nas obras de Divaldo Franco, e aquele retratado nas obras de Carlos A. Baccelli, passamos a enumerá-las, a fim de que o leitor analise e ajuíze os fatos. Mas, antes de começarmos a comparação dos perfis, vejamos a discordância sobre as atividades desse Espírito, nas obras dos dois médiuns:

Manoel Philomeno de Miranda declara que o dirigente do grande Hospital é Eurípedes Barsanulfo:

“Nesse Nosocômio espiritual encontram-se recolhidos especialmente pacientes que foram espiritistas fracassados, graças à magnanimidade do Benfeitor Eurípedes Barsanulfo, que o ergueu, dando-lhe condição de santuário para a saúde mental e moral, e o administra com incomparável abnegação auxiliado por dedicados servidores do Bem e da caridade.” (Tormentos da Obsessão, 19)

No livro de Baccelli, Dr. Inácio diz que é ele o Diretor do Hospital, e se declara ansioso por livrar-se da tarefa. Como é que pode, alguém que foi honrado com um encargo dessa natureza estar querendo livrar-se de tão nobre tarefa, chamando-a “carma”? E o que pretendia ele? Aposentadoria, ou ficar na ociosidade? Como é que se pode aceitar tal declaração de um Espírito que, na Terra, embora sob condições muito adversas, dedicou-se por mais de cinqüenta anos ao serviço de psiquiatria? Onde fica a afirmação de outros Espíritos quando se referem à “honra de servir” no Mundo Espiritual? Vejamos como Manoel Philomeno de Miranda se refere ao Dr. Ignácio:

“Terminados os seus labores diuturnos, às 20:00 horas o incansável médico me aguardava no seu gabinete, para onde rumamos, Alberto e eu.” (Tormentos da Obsessão, 198)

Mas, na obra de Baccelli, o Dr. Inácio reclama do trabalho:

“(…) grande hospital, cuja direção, no Mais Além, estava sob minha responsabilidade (eu não sei quando é que vou me livrar desse carma!)” (Na Próxima Dimensão, 12)

Entretanto, Ignácio Ferreira, no livro de Divaldo, em conversa com Manoel Philomeno de Miranda, declara que é responsável somente por um pavilhão do hospital:

“Esclareceu-me que era responsável somente por um dos pavilhões que albergava médiuns e alguns outros equivocados, enquanto diversos trabalhadores (...).” (Tormentos da Obsessão, 89)

Neste contexto, para que se delinear com justiça o perfil do Dr. Ignácio, vejamos um trecho da obra “Entre dois Mundos”, psicografia de Divaldo Franco, onde ele é citado, notando-se que ele é situado entre dois veneráveis nomes :

“Encontramo-nos, porém, dispostos a seguir adiante, abrindo espaços para o futuro, como fizeram nossos predecessores, particularmente o apóstolo da caridade, Dr. Adolpho Bezerra de Menezes Cavalcanti, o eminente Dr. Ignácio Ferreira, o inesquecível médium Eurípedes Barsanulfo e muitos outros que se empenharam em atender os distúrbios mentais gerados nas obsessões de natureza espiritual.” (Entre dois Mundos., 146)

O Dr. Ignácio (grafamos conforme está no livro) apresentado nas obras de Divaldo Franco é muito diferente do Dr. Inácio que se apresenta através de Carlos A. Baccelli. Manoel Philomeno de Miranda refere-se a ele como o médico prudente, ponderado, gentil, bondoso, afável, figura bem compatível com a idéia que se tem de um Espírito a quem foi dada importante tarefa no Mundo Espiritual. Modesto, que quase não fala de si, ficando as descrições a seu respeito a cargo do Autor do livro.

Nas obras de Baccelli, nos relatos do seu tempo de encarnado, o Dr. Inácio mostra-se rude, impaciente, irônico, irreverente, despreocupado com as imagens negativas que iria suscitar nos seus leitores. Ainda que tivesse sido assim enquanto na Terra, será que não teria mudado nada no Mundo Espiritual, depois de treze anos? Será que para ser franco é necessário que se seja rude? Compare-se a franqueza fraterna de Henrique de Luna, o médico que atendeu André Luiz, ao comentar suas falhas na Terra; a delicadeza com que Clarêncio abordou aspectos menos felizes da vida do seu tutelado; a ternura e o carinho que impregnaram alertamentos severos que a mãe de André Luiz fez-lhe, conforme se lê em “Nosso Lar”? Não se vê, em toda a obra de Francisco Cândido Xavier, um só servidor do Mundo Espiritual usando expressões contundentes, mesmo quando compelido a advertir um subalterno.

Entretanto, a rudeza, a agressividade, as expressões de desprezo a médiuns e a espíritos continuam sendo usadas por esse Espírito, que parece não ter aprendido nada, não se ter beneficiado da convivência com Bezerra de Menezes e Eurípedes Barsanulfo.

Comparemos alguns trechos:

Ao ser convidado a participar de uma reunião mediúnica no Sanatório de Uberaba, onde poderia se comunicar através de um dos médiuns dentre aqueles com quem trabalhara quando encarnado, na condição de diretor, responde:

– *Para quê? Só se for para xingá-los... (Por favor sr. Médiun e sr. Revisor, não me queiram tolher a liberdade de dizer o que penso, da maneira que penso.) Aliás, para que saibam que sou eu, basta mesmo que eu abra a boca ou... que acenda um cigarro. Vou dizer a vocês o que penso: Os meus gatos, que ainda sobrevivem no Sanatório, apesar da vontade de alguns de expurgá-los, serão melhores intérpretes meus do que os médiuns que andam por lá... (...) Os médiuns não querem estudar, não querem disciplina... Ficam parados ao redor da mesa feito uns robôs; nem pensar eles pensam; esvaziam a mente de idéias, esperando que os espíritos façam tudo... Isto não é mediunidade, se o pobre do morto pudesse fazer tudo sozinho, os médiuns seriam meras figuras decorativas. E, depois, mentem: dizem que são inconscientes, que não se lembram de nada.* (Do outro lado do Espelho, 158 / 159)

Continuando seus ataques aos médiuns do grupo que dirigiu, no Sanatório:

– *O médiun me acolhe, me agasalha, abre a boca e só deixa passar o que não conflita com os seus pensamentos. Sendo assim, o que vou fazer lá? Passar raiva? Passar raiva, eu passava na condição de doutrinador, de dirigente dos trabalhos mediúnicos do Sanatório, que fui por mais de cinqüenta anos...* (Do outro lado do Espelho, 159 / 160)

Na psicografia de Baccelli, o Dr. Inácio ataca continuamente os médiuns. Note-se nos trechos citados o ataque indiscriminado que lhes é feito! Será que não escapam nem Maria Modesto Cravo e o próprio médiun de que se serve? Além do mais, se aqueles médiuns que trabalhavam com ele no Sanatório eram tão relapsos, por que ficou sendo enganado durante cinqüenta anos? É muito grave dizer que os médiuns mentem! Como é que um dirigente de reunião mediúnica pode sentir raiva dos companheiros de trabalho? Como conciliar esse ambiente de trabalho tumultuado pela irresponsabilidade dos médiuns e a raiva do dirigente com o relato de Manoel Philomeno de Miranda?

Dr. Ignácio Ferreira houvera experienciado com muito cuidado, enquanto no corpo físico, o tratamento de diversas psicopatologias incluindo as obsessões pertinazes, no Sanatório psiquiátrico que erguera na cidade de Uberaba, e que lhe fora precioso laboratório para estudos e aprofundamento na psique humana, especialmente no que diz respeito ao interrelacionamento entre criaturas e Espíritos desencarnados. (Tormentos da Obsessão, 59)

Como conciliar o que diz o Dr. Inácio, rude, malhumorado, usuário de expressões vulgares, capaz de escrever o trecho que citamos a seguir, com o Dr. Ignácio citado por Manoel Philomeno de Miranda?

– *Isto deve ser gente do Xandico – resmunguei em voz alta, acendendo um cigarro e incinerando o abjeto bilhete, na impossibilidade de incinerar o seu autor.* (Sob as Cinzas do Tempo, 179)

Essa, a reação do Dr. Inácio, ao ler um bilhete insultuoso deixado à sua porta. Modo irreverente de referir-se a um clérigo que se opunha a ele. Se o Autor era assim, irritadiço, à época, deveria agora fazer uma ressalva, mostrando que reconhece o seu erro, a fim de que a atitude equivocada não sirva de modelo. Entretanto, ao longo da obra, tem-se a impressão que lhe causa um certo prazer em mostrar-se agressivo, contundente, ríspido, treze anos depois de desencarnado...

Não faremos mais comentários. Apenas transcreveremos trechos da obra “Tormentos da Obsessão”, psicografada por Divaldo Franco, nas quais são postas em relevo atitudes do Dr. Ignácio Ferreira, em relato natural, mostrando-o como Espírito equilibrado, educado, gentil, paciente. Deixamos a você, Espírita consciente, o trabalho de ler, comparar, meditar e formar juízo para, no âmbito das suas atividades, tomar posição relativamente a essas obras que tentam desacreditar a mediunidade através de uma terrível caricatura do nobre Dr. Ignácio Ferreira.

Todas as citações abaixo são do livro “Tormentos da Obsessão”

Apresentando-se própria a ocasião, face à presença em nosso grupo de um dos seus atuais diretores, o Dr. Ignácio Ferreira, que fora na terra eminente médico uberabense, interroguei ao amigo gentil, sobre a história daquele Santuário dedicado à saúde mental, e ele, bondosamente respondeu: (29)

Sempre gentil, o caro médico elucidou: (35)

Dr. Ignácio encontrava-se sereno e bem apessoado. Ante o silêncio que se fez natural, ele começou a exposição, utilizando-se da saudação que caracterizava os cristãos primitivos:

– Que a paz de Deus seja conosco! (61)

Porque diversos ouvintes se houvessem acercado do Dr. Ignácio Ferreira, fizemos o mesmo, endereçando-lhe algumas rápidas questões, que foram respondidas com bonomia e gentileza. (73)

Com jovialidade irradiante, o Dr. Ferreira recepcionou-nos, exteriorizando os júbilos que o invadiam, face à possibilidade de esclarecer-me em torno das nobres atividades daquela Casa de Socorro. (89)

– Vige, em todos os momentos, expôs com delicadeza – (90)

Com a afabilidade que lhe é natural, o distinto esculápio não se fez rogado, permitindo fossem-lhe propostas as questões. (146)

Desenhando um suave sorriso na face, em razão da pergunta algo ingênua, o amigo educado retrucou: (149)

Paciente e educativo, respondeu: (171)

Apresentando excelente disposição defluente do bem fazer e da alegria de servir, recebeu-nos com demonstração de afeto, logo dispondo-se a conduzir-nos à área especializada. (198)

Com a sua proverbial prudência, respondeu: (206)

Dr. Ignácio respondeu com tranqüilidade: (227)

Pacientemente, o Amigo explicou: (228)

O médico uberabense recebeu-nos com efusão de júbilos, explicando-me que Eurípedes Barsanulfo, recordando-se que o prazo referente ao meu estágio terminara, houvera-me convidado... (310)

Os números entre parênteses indicam as páginas.

*José Passini
Juiz de Fora MG
passinijose@yahoo.com.br*